

# Cenário Macroeconômico Maio/26



# COMENTÁRIOS DA GESTORA

## Breve Panorama Macroeconômico

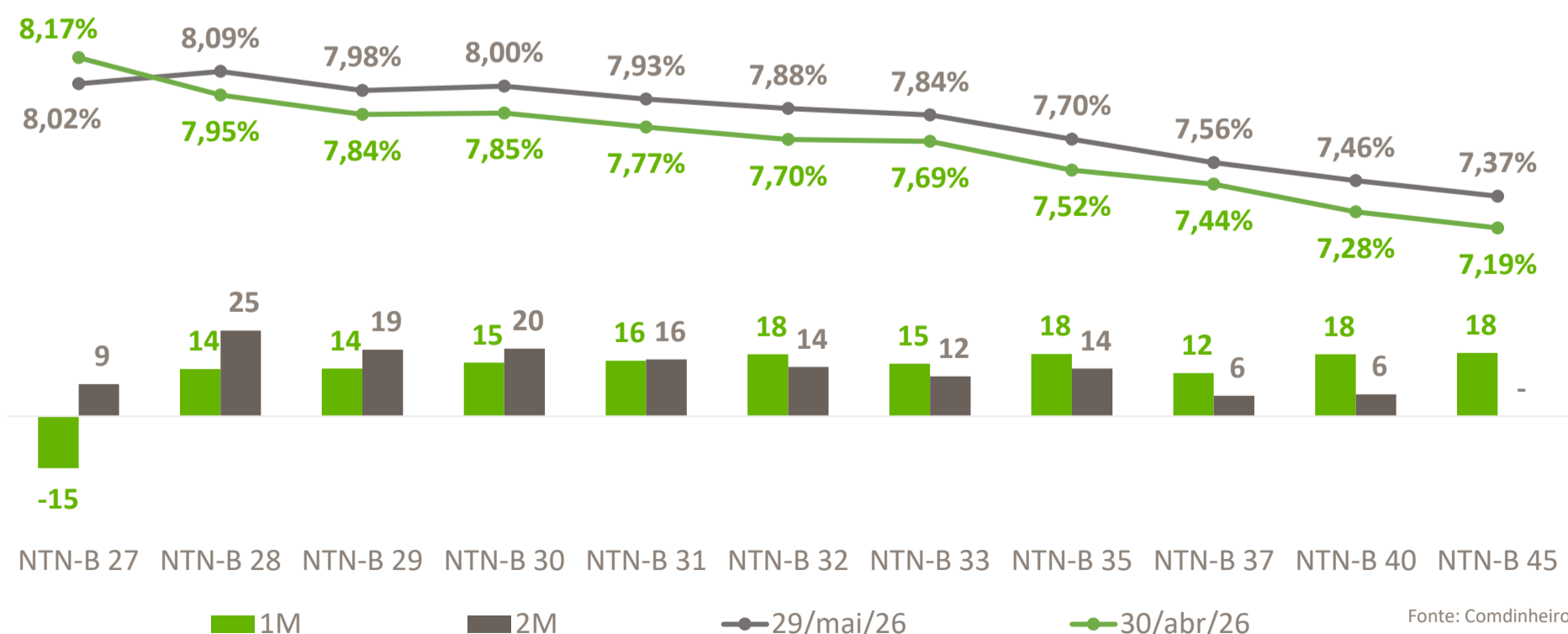
Maio foi marcado pela manutenção do ambiente favorável aos ativos de risco, em um mês de íterim das decisões de política monetária pelos principais BCs globais. O arrefecimento das tensões geopolíticas e a continuidade do otimismo com a temática de IA sustentaram o desempenho dos mercados desenvolvidos, com destaque para Estados Unidos e Japão. Nos EUA, a combinação de resultados corporativos sólidos e revisões positivas de lucros manteve o setor de tecnologia em evidência, impulsionando os índices de Nova York: S&P 500 (+5,15%), Nasdaq (+8,36%) e Dow Jones (+2,78%).

No cenário doméstico, tivemos forte saída de capital estrangeiro de R\$ 14,9 bilhões na B3, marcando a maior saída mensal desde março de 2020, porém, ainda registrando entrada acumulada de R\$ 41,6 bilhões no ano. Dessa forma, houve continuidade do movimento observado já na segunda semana do mês anterior em que tivemos saída líquida fruto do *global rotation*, assim como preocupações fiscais internas e risco eleitoral, com consequente piora nas taxas de juros. No cenário macro, tivemos do lado positivo produção industrial, vendas no varejo, taxa de desemprego e PIB do 1º trimestre, contrabalanceado por volume do setor de serviços, o IBC-Br de março, CAGED de abril e piora na dívida líquida do setor público, aumentando de 66,8% para 67,4%.

Em abril, o IPCA apresentou variação de 0,67%, abaixo da expectativa de 0,70%, embora tenha sido o maior índice para o mês desde 2022, levando a inflação acumulada em 12 meses para 4,39%. Já o IPCA-15 de maio registrou alta de 0,62%, acima das estimativas de mercado (0,57%), fazendo com que o acumulado em 12 meses atingisse 4,64%, acima do teto da meta perseguida pelo Banco Central. O boletim Focus divulgado pelo Banco Central apresentou nova revisão altista para a projeção do IPCA deste ano: ajuste de 4,91% há 4 semanas para 5,11% (décima terceira alta consecutiva), leve ajuste para 2027 (de 4,00% para 4,03%) e para 2028 (de 3,64% para 3,66%), mantendo o patamar para 2029 (3,50%). Ainda, tivemos ao longo do mês revisões para a taxa Selic, com revisão também altista para a projeção deste ano, encerrando em 13,50% (ante 13,00%), para 2027 (de 11,00% para 11,50%) e manutenção nos patamares de 2028 e 2029 (10,00%).

Os dados de inflação acima do esperado, a deterioração fiscal e o risco eleitoral contribuíram para novo mês de abertura da curva de juros real, subindo em média 16bps nos vencimentos de 2028 em diante. Dessa forma, os índices IMA-B 5 e IMA-B renderam 0,97% e 0,31%, respectivamente.

### Curva de Juros Real



Fonte: Comdinheiro

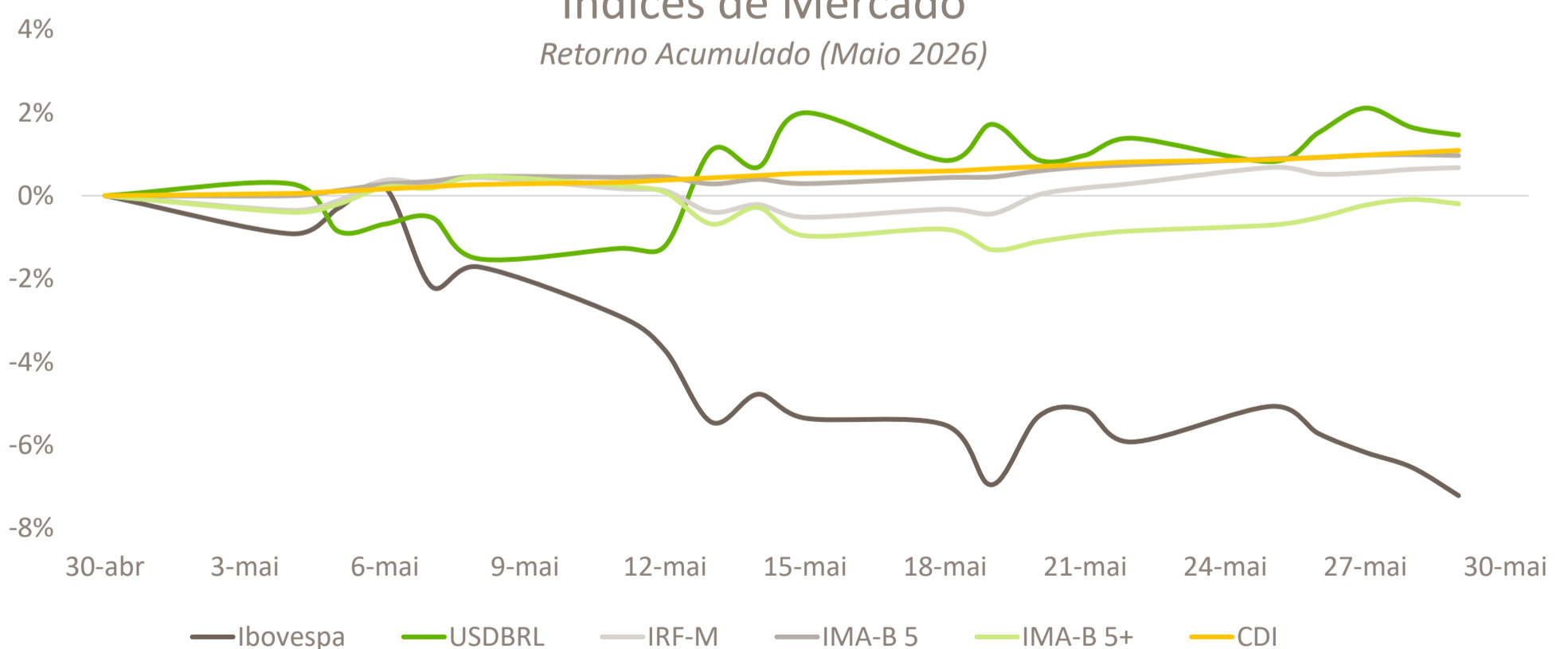
No cenário internacional, o mês ficou marcado pelas atenções voltadas às atas dos BCs e discursos de dirigentes que poderiam indicar perspectivas das políticas monetárias, assim como o discurso do novo presidente do Fed, Kevin Warsh. Em relação aos indicadores econômicos nos EUA, tivemos dados mistos de PMIs e ISMs, com destaques para revisão do PIB do 1º tri em 1,6% (vs 2,0% da última leitura) e PCE (dado de inflação preferida do Fed) e Payroll levemente acima do esperado. De acordo com a ferramenta *Fedwatch*, as chances de manutenção para as próximas duas reuniões são quase unânimes, com apostas já próximas a 70% de aumento na reunião de setembro, corroborando a divisão dos dirigentes apontada na ata do FOMC na última reunião de Jerome Powell como presidente.

Na Europa, leve melhora nos indicadores econômicos de abril na comparação com março, porém ainda em patamares negativos (vendas no varejo, confiança do consumidor e PMIs). Ademais, tivemos confirmação da leitura anterior do PIB do 1º trimestre (+0,8%). Na China, novamente destaque para a balança comercial (forte crescimento tanto nas exportações quanto importações), porém, tivemos dados de vendas no varejo e produção industrial abaixo das expectativas, contrabalanceados por dados de PMIs com melhora e acima do patamar de 50, indicando expansão.

No mercado de *commodities*, o petróleo registrou forte desvalorização, encerrando o período a US\$ 91,12/barril (Brent), queda de 16,7%. O movimento representou um recuo de quase US\$ 20 por barril, configurando a maior queda mensal em dólares desde março de 2020. A correção dos preços foi impulsionada pelo aumento das expectativas de uma solução para o conflito geopolítico, após notícias relacionadas a um possível cessar-fogo. Já o minério de ferro recuou 0,71%, mas permaneceu acima de US\$ 100/ton, mantendo o cenário de estabilidade observado ao longo do ano, apesar das incertezas em relação à demanda chinesa. Durante o período, a *commodity* chegou a atingir US\$ 122/ton, maior patamar desde setembro de 2024.

O Ibovespa sofreu forte revés no mês, registrando queda de 7,22%, aos 173.787 pontos, no pior desempenho mensal desde fevereiro de 2023, embora ainda acumule valorização de 7,86% no ano. Sob a ótica semanal, o índice completou sete semanas em queda, com perdas que se aproximam de 12% no período. Já o dólar fechou o mês em alta de 1,83% frente ao real, cotado a R\$ 5,04, mas ainda acumula desvalorização de 8,13% em 2026. Para junho, as expectativas permanecem voltadas às decisões dos principais BCs globais, em um contexto de menor perspectiva de crescimento econômico e de pressões inflacionárias decorrentes do conflito envolvendo o Irã. Já no âmbito interno, observa-se uma deterioração das expectativas de inflação, concomitante à ampliação dos programas sociais pelo Governo, totalizando R\$ 184,7 bilhões. Esse ambiente reduz a probabilidade de flexibilização monetária no curto prazo, levando parte dos economistas a projetar a taxa Selic em 14,00% ao final de 2026.

Índices de Mercado  
Retorno Acumulado (Maio 2026)



Fonte: Broadcast+